

Olhares sobre a paisagem cultural na Quarta Colônia, RS, Brasil

Vanessa Manfio*

Vinício Luís Pierozan**

Introdução

A paisagem é um conceito muito utilizado nos estudos geográficos, pois retrata a constituição do espaço e pode ser percebida por diferentes olhares, ou seja, depende da visão e da concepção do observador, da sua posição espacial e sentimental. Desse modo, a paisagem não reside apenas de um olhar vago sobre os objetos, ela se assenta na realidade das coisas, isto é, na relação do homem para com o ambiente e o cotidiano (BERQUE, 1998).

Quanto à paisagem construída por culturas, transformadoras do espaço e que sujeitos criam elos de identificação socioespacial, se reporta ao entendimento e conceitualização da paisagem cultural. Como considera Berque (1998), a paisagem cultural é marca e matriz, enquanto marca, ela pode ser vista por um olhar, valorizada por sua utilidade e por seu padrão estético, mas enquanto matriz, ela determina esse olhar, pela percepção, consciência, subjetividade do observador. Então, a paisagem é o concreto, mais o imaterial, contido no esquema clássico de orientação sentimental e sensorial do sujeito ao visualizar o objeto (BERQUE, 1998). Portanto, a paisagem cultural é o fruto da simbiose do homem com o seu ambiente e com a realidade que o cerca, com a sua utilização e produção material/imaterial sobre o espaço vivido e notado, que a todo momento é transformado.

Diante disso, este trabalho tece discussões sobre a paisagem cultural da Quarta Colônia no Rio Grande do Sul, constituída, principalmente, pelas culturas: italiana e alemã e que guarda particularidades e marcas profundas de identidade. Tendo como objetivo central de descrever e discutir a paisagem cultural da região, partindo de uma análise descritiva e com a orientação da pesquisa bibliográfica e trabalho de campo.

* Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente da Rede Municipal de Ensino de Nova Palma/RS e pesquisadora do Núcleo de Estudos Agrários (NEAG/UFRGS). E-mail: vamanfio@hotmail.com

** Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente da Rede Municipal de ensino de Canoas/RS. E-mail: vpierozan@hotmail.com

Como caminho do artigo, o mesmo encontra-se dividido em três partes: a primeira de revisão teórica do conceito de paisagem; a segunda como ponto central da obra que trata da paisagem cultural da Quarta Colônia e a última reservada às considerações finais. Espera-se, contudo, que o trabalho venha fortalecer a compreensão das múltiplas paisagens culturais que existem no Brasil, principalmente aquelas que são heranças do processo de colonização e que ainda são salvaguardadas pelos seus descendentes e moradores atuais destes lugares.

Paisagem cultural: a noção teórica

A paisagem é um conceito de extrema importância na ciência geográfica, sendo o resultado da construção da relação sociedade e natureza, ou puramente da natureza. No contexto da paisagem cultural Sauer (1998, p. 59), destaca que “A paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, e a paisagem cultural o resultado”. Nesse sentido, a paisagem cultural é o “[...] produto concreto e característico da interação complicada entre uma determinada comunidade humana, abrangendo certas preferências e potenciais culturais, e um conjunto particular de circunstâncias naturais” (WAGNER; MIKESELL, 2003). Em função das potencialidades culturais, a paisagem adquire valor econômico, social e afetivo. Conforme Delphim:

[...] O valor da paisagem cultural decorre de sua função e de sua capacidade de reter marcas e registros antrópicos. O homem é um dos elementos de valor na paisagem, muitas vezes o principal.

Numa outra visão sobre o tema, Costa e Gastal (2010, p. 6) afirmam que, “A paisagem cultural apresenta-se sob a forma de um sistema. Os objetos que existem juntos na paisagem existem em inter-relação”. E esta realidade não pode ser vista dissociada do todo, mas no entendimento que a paisagem é determinada por formas integrantes e dependentes entre si, formas que vão do natural ao cultural, do tempo passado ao presente, sendo testemunha do trabalho e da produção espacial (COSTA; GASTAL, 2010). Portanto, “A paisagem é uma chave para a compreensão do passado, do presente e do futuro” (DELPHIM, 2004, p. 5). A paisagem é a visão da construção e reconstrução do espaço em tempos e em diferentes escalas, com base na inter-relação entre os elementos e na subjetividade do observador.

A paisagem está associada à percepção e à memória de um indivíduo ou grupo social, porque mesmo sendo uma materialidade espacial visível ela exprime sentimentos e marcas culturais. Assim, “A paisagem cultural é um objeto concreto,

material, físico e factual, percebido pelos sujeitos por meio dos cinco sentidos” (ALMEIDA, 2013, p. 420). Ainda, “[...] para além da materialidade, as paisagens podem ser sonoras e de odores; e, além disso, serem paisagens da destruição, híbridas, e da exclusão” (ALMEIDA, 2013, p. 424). Então, a paisagem é o campo do visível, mas se alimenta também dos sons, do tato, dos cheiros, pois estes outros sentidos ajudam na construção da ideia da paisagem vista pelo observador.

Por outro lado, a paisagem constitui-se num documento-chave para compreender as culturas, ela é marcada pelas convicções religiosas, paixões, simbologia cultural e trabalho humano (CLAVAL, 2001). A partir da paisagem pode-se perceber as culturas, as construções e evidências das etnias sobre um determinado espaço, não apenas sobre as formas, mas acerca da cultura propriamente dita. No Brasil os processos de imigração e colonização dos diversos espaços deixaram marcas profundas na paisagem. Assim, as áreas de colonização foram transformadas pelos imigrantes e a sua construção se perpetua, em muitos espaços, com resquícios duradouros até atualidade. Como expõem Luca e Santiago (2011, p. 44), “As transformações produzidas pelos imigrantes no ambiente natural produziram uma nova categoria patrimonial conhecida como paisagem cultural”. Ainda, para Manfio (2012, p. 35), “[...] a cultura italiana no território rio-grandense criou um cenário, além de inúmeras paisagens próprias às características das suas tradições, tentando reproduzir nesta terra a Itália, lugar de origem deste povo”. Estas paisagens culturais são a ponte para se salvaguardar a cultura e a identidade social herdada destes povos.

O interesse pelas paisagens culturais não é recente, foi um longo percurso de construção da expressão paisagem nas ciências humanas e na geografia, mas sem dúvidas, esta adquire sentido com a tendência de abordar o cultural no contexto do cotidiano da paisagem. Segundo Furlanetto e Kozel (2014, p. 217), “A paisagem, um dos conceitos mais antigos da geografia, foi um dos primeiros temas desenvolvidos pelos geógrafos alemães, franceses e americanos na perspectiva cultural”. Os estudos de paisagem, inicialmente buscavam a descrição das formas físicas do espaço terrestre. Posteriormente é que a valorização da cultura passa a ser incrementada na análise da paisagem, e, então, a paisagem cultural deixa de ser concebida como um simples objetivo e passa a ser um elemento importante, que não diz respeito apenas ao olhar e ao visível, mas as sensações vividas e sentidas pelo observador passam a ganhar destaque (FURLANETTO; KOZEL, 2014).

Quando a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) elabora a Convenção de Patrimônio Mundial, no seu Artigo Primeiro, considerando a paisagem cultural como uma obra conjugada do homem e da natureza,

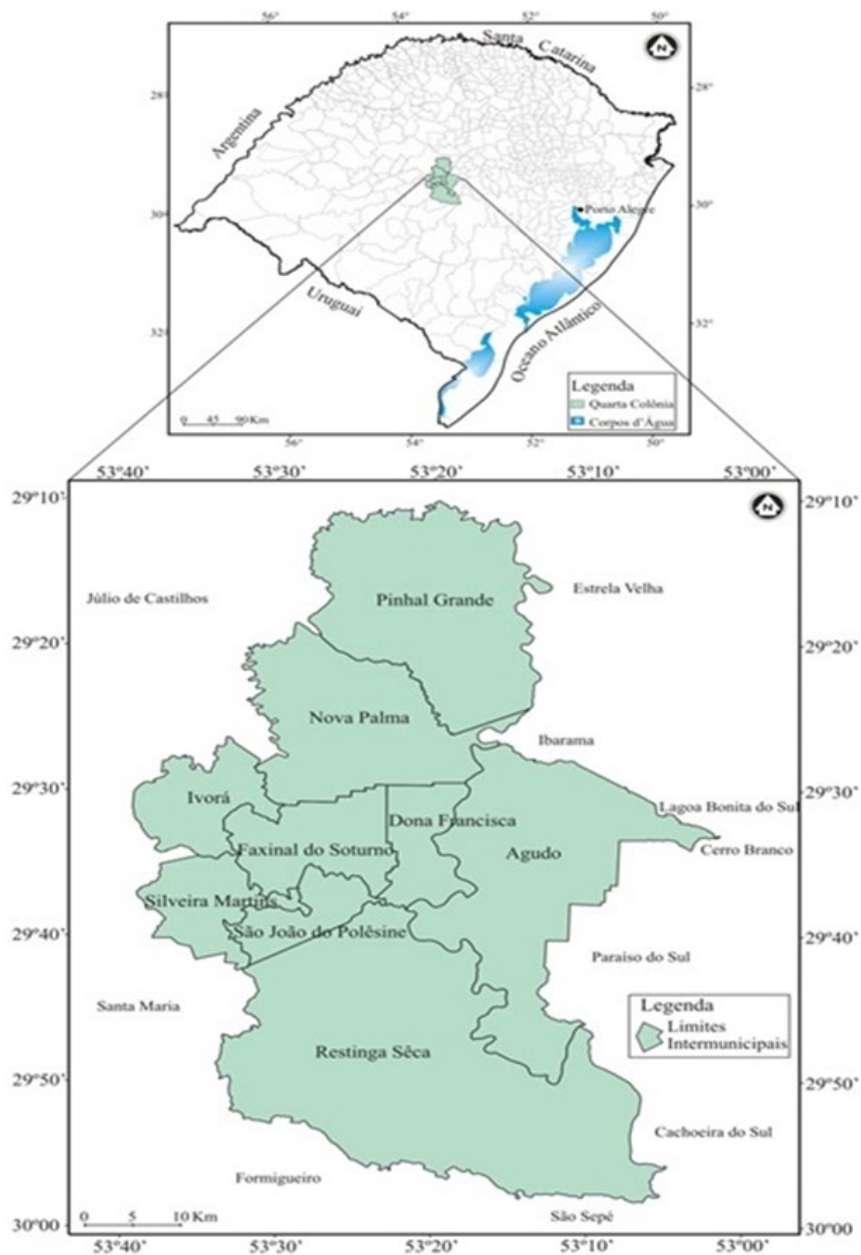
vê-se a intensificação do reconhecimento das paisagens históricas e culturais, tanto no mundo como no Brasil (ALMEIDA, 2013). Dessa forma, as paisagens passaram a associar-se ao patrimônio cultural e ganhar mecanismos de conservação e preservação. Como afirma Almeida (2013) “A paisagem contempla símbolos, significados e torna-se patrimônio e até institucionaliza-se”. Neste ponto, a paisagem é percebida como um dos elementos centrais na cultura, possível de ser interpretado, analisado e, por isso, transforma-se em objeto de políticas públicas e de políticas valorativas e de preservação, associando a cultura, a paisagem ao turismo e ao resgate histórico-cultural (ALMEIDA, 2013). Este resgate acontece devido a uma identidade e uma memória coletiva que a paisagem cultural evoca, bem como, da necessidade de investir na conservação do passado, atraído ao aspecto econômico, isto é, a paisagem como elemento do turismo.

A paisagem cultural da Quarta Colônia, RS: o resultado do trabalho dos imigrantes

A Imigração Italiana no estado do Rio Grande do Sul versa o período do final do século XIX, dos quais um dos núcleos coloniais foi a Colônia Silveira Martins, chamada também de Quarta Colônia. Esta colônia localizou-se no centro do estado gaúcho, nas proximidades da cidade de Santa Maria. A colonização italiana reproduziu o espaço local em função da cultura e do trabalho do imigrante, alterando com o passar dos anos a paisagem local e constituindo nela um caráter cultural. Com o imigrante e a partir do seu trabalho foram sendo criadas pequenas indústrias, moinhos, cantinas, bem como, construções de casas, igrejas, capitéis e a organização do espaço, cumprindo as funções respectivamente: econômica e social.

A emancipação da Colônia Silveira Martins provocou uma desintegração do território, onde partes deste foram repartidas entre os municípios de Santa Maria, Júlio de Castilhos e Cachoeira do Sul e posteriormente deram origem a múltiplos pequenos municípios (BOLZAN, 2011). Então, do desmembramento desta colônia surgiram os municípios de: Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, São João do Polêsine, Silveira Martins, que passaram a compor a região-território da Quarta Colônia (MANFIO; PIEROZAN, 2019) (Figura 1). Juntamente com estes municípios integraram-se a região Agudo (colonização alemã) e Restinga Seca (colonização portuguesa), devido às questões políticas. Restinga Seca recebeu descendentes de imigrantes italianos da Colônia Silveira Martins. Conforme Oliveira (2001), Restinga Seca não faz parte do núcleo colonial da Colônia Silveira Martins, mas recebeu descendentes destes imigrantes, pelo fato de possuir condições ambientais semelhantes ao núcleo colonial e pela proximidade espacial.

Figura 1 – Localização da Quarta Colônia, RS



Fonte: Manfio (2014).

A imigração com seu ofício ligado desde o início à agricultura conferiu uma alteração da paisagem natural em paisagem humanizada, como afirma Manfio (2012, p. 36),

[...] a ocupação italiana da região central do Rio Grande do Sul, através da vinda de uma população com desejos de reproduzir sua terra de origem e proporcionar o desenvolvimento local e de suas famílias acabaram transformando o espaço natural.

Neste espaço regional se desenvolve vários aspectos que aproximam o espaço local à cultura ítalo-germânica. Entre os elementos que são uma marca da cultura estão: as casas, igrejas, capitéis, grutas, os monumentos, construções em geral, gastronomia, memórias, tradições e o vinho.

As casas antigas, construídas por imigrantes e seus descendentes, apresentam uma arquitetura semelhante aos lugares de origem destes colonizadores (Itália e Alemanha), e a utilização de materiais disponíveis como a pedra basalto e a madeira da vegetação da mata nativa. Para Manfio (2012), as casas eram grandes (espaçosas) com porões e cozinha separados; sendo o porão destinado ao abrigo dos alimentos e do vinho e seus utensílios, e a cozinha espaço de função social (Figura 2).

Figura 2 – Casa italiana preservada no espaço rural de Nova Palma



Fonte: Acervo da autora (2019).

De acordo com Figueiredo (2014), as casas e os edifícios construídos pelos imigrantes seguem estilos diferentes, bem como o material disponível e a criatividade da construção, sendo alguns edifícios utilizados para servir também como escolas e

casas comerciais. Complementa Manfio (2012) que as casas coloniais da Quarta Colônia possuíam adornos de santos e trabalhos em estilo europeu, demonstrando a fé e a religiosidade católica apostólica romana e ao mesmo tempo destacando a arquitetura italiana (MANFIO; PIEROZAN, 2019).

Na região ainda existem vários exemplares, destas residenciais, preservadas pelos descendentes dos imigrantes. Muitas foram reformadas, mas guardam as particularidades da construção antiga. Outras edificações foram abandonadas em meio à paisagem ou foram demolidas frente à modernização do espaço citadino (MANFIO; PIEROZAN, 2019; MANFIO, 2021). As edificações relevam na relação espaço-tempo, construções que na sua simplicidade demonstram que ainda estão presentes as memórias e sensações, e integram-se as paisagens urbanas e rurais (FIGUEIREDO, 2014).

Além das residências, a vitivinicultura também é uma peça importante da paisagem formada pela cultura italiana, onde ainda hoje existem parreirais centenários, plantados pelos primeiros imigrantes que deram início a colonização. Estes parreirais ainda produzem uva e vinho e são redutos de história. Assim, os parreirais dividem o espaço com as demais produções agrícolas, com os artefatos, como o forno de barro e tijolo e com as residências. As videiras também se fazem presentes nas pequenas cidades da região, sendo comum elas fazerem parte dos jardins e quintais das residências dos moradores. Além do mais, o ato de elaborar o vinho permanece como um ritual de memória, cujos ensinamentos do saber-fazer e o gosto pelo fabrico da bebida foram lhes passada de geração em geração.

A religiosidade é igualmente um elemento presente na paisagem através de igrejas (Figura 3), capitéis (Figura 4), grutas e outras representações da fé cristã. Muitas igrejas foram reformadas e revitalizadas com o passar dos anos, construídas para homenagear diversos santos de devoção dos católicos, além de cumprir também a função de encontro social dominical entre a comunidade do campo e da cidade (MANFIO; PIEROZAN, 2019). Há também as igrejas evangélicas que guardam a religiosidade da cultura alemã. Além disso, um projeto atual prevê a revitalização dos capitéis espalhados em Nova Palma e a organização de uma rota turística, envolvendo estas pequenas capelinhas, aproximadamente 40 exemplares, sendo um projeto de parceria entre a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e a Prefeitura Municipal de Nova Palma (PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PALMA, 2020).

Figura 3 - Igreja de Pinhal Grande



Fonte: Acervo da autora (2018).



Fonte: Acervo da autora (2020).

¹ em Vale Vêneto, São

¹ São expressões italianas para designar vovô e vovó.

João do Polêsine. Além dos museus em diversas localidades e do Centro de Pesquisas Genealógicas em Nova Palma (MANFIO; PIEROZAN, 2019).

No lado físico-natural, a região da Quarta Colônia possui uma diversidade fisionômica da paisagem, dos quais são representadas formas geomorfológicas da Depressão Periférica, Rebordo do Planalto e do início do Planalto das Araucárias (ZERFASS, 2007 apud SCHIRMER; ROBAINA, 2018). Dado a isto, “O relevo escarpado com paredões e vales encaixados com cachoeiras e grutas destacam as belezas naturais” (SCHIRMER; ROBAINA, 2018, p. 201). Portanto, a paisagem da Quarta Colônia releva o espaço natural, materializada por uma “região montanhosa”, do rebordo do Planalto do Estado do Rio Grande do Sul a áreas de depressão, formada por vales, matas nativas e rios (especialmente Soturno e Jacuí). E nestes vales é que se assentam as construções, plantações agrícolas e a vida comunitária dos descendentes ítalo-germânicos.

Por estes vales são vistos e percebidos bens imateriais e materiais, assim como a gastronomia que é tanto tangível quanto intangível (o saber-fazer). A culinária está nos pratos típicos servidos nos restaurantes, feiras, festas, cafés coloniais e cantinas da região. Além de ser a marca da rota gastronômica da Quarta Colônia, que traz a alimentação como caminho para o turismo cultural e um ponto de identidade cultural. Nas palavras de Manfio (2021, grifos nossos),

Quanto à gastronomia italiana é comum a sopa de *agnoline*, o risoto, a polenta, vinho e salame, o bife à milanesa, as cucas e pães, *crostóli*, entre outros. Já na culinária alemã destacam-se as cucas alemãs, *Currywurst* (salsicha cozida), chopp, *Brezel* (espécie de pão alemão recheado), entre outros. Tanto na gastronomia italiana quanto na alemã, os pratos criados levam um elo de afetividade, eles são um perpetuar de ensinamentos passados de geração em geração.

Assim, todos estes elementos, juntamente com as tradições, histórias e memórias formam a paisagem cultural da Quarta Colônia. Portanto, a paisagem formada na Quarta Colônia é herança dos códigos naturais, culturais e históricos, e dos sentimentos e lembranças (MANFIO, 2012). Esta paisagem é o resultado das culturas que transformaram o espaço natural local, e é a matriz destas, da identidade que ali ainda reside e integra-se ao patrimonial e espacial. A paisagem local é um conjunto de formas e expressões, agregadoras do velho e do novo, que dão sentido e valor a cultura local.

Considerações finais

A paisagem é um autorretrato do conjunto de formas, esculpidas no espaço ou em tela, como, por exemplo, as paisagens em pinturas, observada por um telespectador e que transmite o concreto e a essência das representações, dependendo da ótica em que com um olhar se vasculha/interpreta o espaço. A paisagem se constitui de artefatos culturais, códigos e memórias que podem ser descritas, acompanhando as cenas temporais e a cultura presente no cenário paisagístico. Assim, a paisagem cultural é um misto entre a cultura, o trabalho humano e a forma geográfica onde o ser atua deixando vestígios de sua existência.

Neste ponto, a paisagem cultural da Quarta Colônia é o resultado da transformação da natureza encontrada pelos colonizadores, especialmente italianos e alemães que através de suas técnicas, saberes e trabalho, construíram formas espaciais, para abrigar as funções de moradia, comércio, educação, cultura, lazer e trabalho. Nestes pequenos municípios pertencentes à região, hoje, denominada Quarta Colônia a herança deixada pelos imigrantes pode ser vista nos museus, no cotidiano, nas construções e na economia local, sendo os elementos-chave da paisagem cultural desta região: as residências, a religiosidade, os monumentos, a memória, a uva, o vinho e a gastronomia, entre outros, que vem sendo preservados e salvaguardados na constituição de patrimônios e rotas turísticas, ou simplesmente por ser parte da história e da família.

Além das características atreladas aos seus códigos culturais, às paisagens formadas, os italianos e alemães incluíram um modo de vida e contribuíram para a formação da sociedade, cultura e território do Rio grande do Sul (BRUM NETO; BEZZI, 2008). Para não concluir, os italianos e alemães deixaram uma paisagem cultural significativa na Quarta Colônia e com o seu legado estes grupos étnicos transformaram terras de poucos habitadas e produtivas, dos vales presentes no rebordo do Planalto e da depressão periférica, em áreas de economia dinâmica e de desenvolvimento regional.

Referências

ALMEIDA, M. G. Cultura, paisagens e patrimônio cultural: reflexões desde o brasil central. **Espaço & Geografia**, Brasília, v. 16, n. 2, p. 417-440, 2013.

BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 84-91.

BOLZAN, M. **Quarta Colônia: da fragmentação à integração**. Tese (Doutorado em História) – UNISINOS, São Leopoldo, 2011.

BRUM NETO, H.; BEZZI, M. L. Regiões culturais: a construção de identidades Culturais no Rio Grande Do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 2, n. 20, p. 135-155, 2008.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

COSTA, L. de C. N.; GASTAL, S. de A. Paisagem Cultural: Diálogos entre o Natural e o Cultural. In: VI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL. 2010. Caxias do Sul. **Anais...** Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2010.

DELPHIM, C. F. de M. **Intervenção em jardins históricos**: manual. Brasília: IPHAN, 2004. 152 p.

FIGUEIREDO, L. C. Quarta Colônia de Imigração Italiana na região central do Rio Grande do Sul: os sítios históricos na construção do patrimônio e da paisagem cultural. **Revista Ra'e Ga**, Curitiba, v. 31, p. 147-183, ago. 2014.

FURLANETTO, B. H.; KOZEL, S. Paisagem cultural: da cena visível à encenação da alma. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 8, n. 3, p. 215-232, 2014.

LUCA, V. G. de; SANTIAGO, A. G. A paisagem cultural em sítios históricos rurais de imigração italiana. **Revista Labor & Engenho**, Campinas, v. 5, n. 1, 2011.

MANFIO, V. A Quarta Colônia de imigração italiana: uma paisagem cultural na região central do Rio Grande do Sul. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 16, n. 2, 2012.

MANFIO, V. Quarta Colônia - RS: os diálogos entre cultura, gastronomia e turismo. **Ágora (Online)**, Santa Cruz do Sul, v. 23, n. 1, p. 85-98, 2021.

MANFIO, V.; PIEROZAN, V. L. Território, cultura e identidade dos colonizadores italianos no Rio Grande do Sul: uma análise da Serra Gaúcha e da Quarta Colônia. **Geosp – Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 144-162, 2019.

OLIVEIRA, L. C. de. **Origem e História Política-administrativa do Município**. Restinga Seca: Administração Municipal, 2001.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PALMA. **Rota dos capitéis**. Disponível em: <<http://www.novapalma.rs.gov.br/secretarias/secretaria-de-cultura-turismo-industria-ecomercio/projetos-e-acoos/rota-dos-capiteis/1496>>. Acesso em: 2 jun. 2020.

SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SCHIRMER, G. J.; ROBAINA, L. E. de S. Zoneamento geoambiental da Quarta Colônia, Rio Grande do Sul: uma análise integrada da paisagem. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 19, n. 68, p. 200-214, 2018.

WAGNER, P. L.; MIKESEL, M. W. Os Temas da Geografia Cultural. In.: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.